



# PLANTAS QUE AQUILOMBAM:

Caderno de sistematização sobre  
experiências e saberes ancestrais  
das mulheres quilombolas da Bahia



# SUMÁRIO

## **4** “Nós por Nós”: mulheres negras periféricas e quilombolas reescrevendo o cuidado

**4** O que é desmedicalização?

**6** Entre territórios e Escutas: O Encontro como Método

## **10** Vozes das Mulheres Quilombolas

“Quem me ensinou as ervas foi Deus mesmo.”

## **11** O que Apontam as Políticas Públicas Sobre Saúde Quilombola?

**16** Saúde ancestral quilombola: território, saber e continuidade da vida

**20** Justiça Reprodutiva e o Direito de Existir nos Territórios Quilombolas

## **25** Vozes das Mulheres Quilombolas

“Eu nasci dentro do riacho mesmo, numa canoa... nos braços de mãe Nanã.”

## **26** Saberes tradicionais no cuidado à saúde das mulheres quilombolas

**27** O que são tecnologias ancestrais?

**30** Marcos importantes para o reconhecimento das parteiras tradicionais



## **31** Vozes das Mulheres Quilombolas

"Você pega umas folha de pau aqui e você levanta."

## **32** Caderno de Plantas dos Quilombos da Bahia

- |                            |                            |
|----------------------------|----------------------------|
| <b>33</b> ALECRIM-DO-CAMPO | <b>44</b> GUACO            |
| <b>34</b> ALGODÃO          | <b>45</b> HORTELÃ          |
| <b>35</b> ALHO             | <b>46</b> HORTELÃ-GROSSO   |
| <b>36</b> BABOSA           | <b>47</b> JUAZEIRO         |
| <b>37</b> BARBATIMÃO       | <b>48</b> JURUBEBA-ROXA    |
| <b>38</b> BOLDO-PEQUENO    | <b>49</b> MOSTARDA         |
| <b>39</b> CACAU            | <b>50</b> QUIOIÔ           |
| <b>40</b> CANELA-DE-VELHO  | <b>51</b> RESINA DE JATOBÁ |
| <b>41</b> CAPIM-LIMÃO      | <b>52</b> ROMÃ             |
| <b>42</b> ERVA-CIDREIRA    | <b>53</b> SABUGUEIRO       |
| <b>43</b> GERVÃO           | <b>54</b> URUCUM           |

## **55** Vozes das Mulheres Quilombolas

"Uma vai cuidando da outra"

## **56** Capturas de Uma Jornada

## **57** "Plantou Raiz, Nasceu Flor": Cuidado, Memória e Saberes nos Territórios Quilombolas

## **58** Documentos e Materiais Consultados



# "NÓS POR NÓS": MULHERES NEGRAS PERIFÉRICAS E QUILOMBOLAS REESCREVENDO O CUIDADO

O presente caderno de sistematização nasce do encontro entre o Odara – Instituto da Mulher Negra, as mulheres dos territórios quilombolas da Bahia e as medicinas ancestrais de cuidado que seguem vivas em nossas comunidades. Ela é fruto da *Jornada de Saúde: mapeamento participativo da saúde de mulheres quilombolas da Bahia*, realizadas entre 2024 e 2025, pelo Programa de Saúde das Mulheres Negras e pelo Nós por Nós – Observatório de Justiça Reprodutiva do Nordeste, que percorreu diferentes territórios quilombolas do estado para compreender as experiências de saúde sexual e saúde reprodutiva vivenciadas por mulheres quilombolas, a partir de suas próprias narrativas e experiências.

As Jornadas tiveram como propósito identificar as barreiras no acesso aos serviços de saúde que atravessam a vida das mulheres quilombolas nos territórios visitados, além de oferecer

## O QUE É DESMEDICALIZAÇÃO?

Desmedicalização é ampliar o que entendemos por saúde e cuidado, reconhecendo os saberes das comunidades negras periféricas, quilombolas e indígenas.

Desmedicalizar **não é negar tratamento**, mas afirmar que o cuidado não cabe apenas na receita, no diagnóstico rápido ou no remédio como primeira resposta.

Significa enfrentar as violências que meninas e mulheres negras vivem quando são medicalizadas sem escuta, diagnosticadas sem contexto e silenciadas por práticas que desconsideram suas histórias, seus territórios e seus modos de existir.

Ao mesmo tempo, **desmedicalizar é afirmar outras formas de curar**: tecnologias ancestrais, práticas tradicionais, vínculos comunitários, escuta qualificada, autonomia sobre o corpo e cuidado que respeita ritmos, desejos e experiências.

Para quem sempre teve o cuidado negado, o remédio pode ser também símbolo de dignidade e acolhimento. Por isso, desmedicalizar é ampliar caminhos, não fechar portas. É construir uma saúde que reconhece saberes, valoriza territórios e fortalece a autonomia de meninas e mulheres negras sobre suas vidas.



oficinas e formações sobre os saberes tradicionais que orientam a **desmedicalização da vida de meninas e mulheres negras**, dirigidas tanto às mulheres quanto aos profissionais de saúde locais. Ao fortalecer a autonomia corporal e valorizar os saberes tradicionais, reafirmamos que o cuidado ancestral é um caminho de resistência, proteção e justiça reprodutiva.

*Nós por Nós* significa reconhecer que o cuidado é ancestral. Ele sempre fez parte da história das mulheres negras periféricas e quilombolas. Antes das políticas públicas, antes dos hospitais e antes das interferências externas, foram essas mulheres que sustentaram a saúde de suas famílias e comunidades: preparando folhas, rezas, banhos, oleatos e modos de viver em coletivo. Este material honra esses caminhos e afirma que a vida dessas mulheres sempre produziu ciência, cura e sabedoria.

Durante rodas de conversa, oficinas e vivências, reunimos experiências e práticas que revelam como o saber tradicional quilombola é uma forma de enfrentamento ao racismo e à medicalização da vida de meninas e mulheres negras periféricas e quilombolas. Ao longo desse percurso, defendemos que desmedicalizar não significa abrir mão do acesso à saúde nem da atuação de profissionais, mas sim reconhecer e fortalecer nossos saberes, ampliando nossa autonomia sobre o corpo e nossas decisões reprodutivas.

Este documento reafirma o **compromisso do Programa de Saúde das Mulheres Negras do Instituto Odara com o Bem Viver como horizonte político e comunitário**. O Bem Viver trata-se de um projeto construído coletivamente pelo movimento de mulheres negras, que articula a luta por dignidade, autonomia e transformação das condições de vida. Como afirmado no manifesto da Marcha das Mulheres Negras (2025), “Reparação e Bem Viver constituem o enunciado que expressa a força política das mulheres negras”, apontando para a construção de um presente e de um futuro em que caibam todas as pessoas.



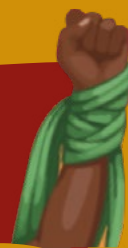
Este caderno fortalece, também, a missão do Nós por Nós – Observatório de Justiça Reprodutiva do Nordeste em denunciar as injustiças reprodutivas que atravessam a vida de mulheres negras periféricas e quilombolas do Nordeste. Ao reunir informações, visibilizar saberes e denunciar desigualdades, buscamos garantir que políticas públicas reconheçam nossas vidas, nossos territórios e nossas práticas de cuidado.

Dessa forma, esta publicação se constitui como um espaço de registro, memória e circulação de saberes de cuidado que nossas ancestrais nos deixaram e que seguem vivos nas práticas das mulheres quilombolas. Neste documento, se encontram conhecimentos compartilhados pelas mulheres quilombolas nas oficinas, sistematizados a partir das experiências e narrativas das próprias mulheres, preservando seus sentidos, suas palavras e seus modos de fazer. Desejamos que este caderno circule, fortaleça conversas, inspire práticas e reafirme que é no coletivo que encontramos força para seguir: **nós por nós!**

## ENTRE TERRITÓRIOS E ESCUTAS: O ENCONTRO COMO MÉTODO

A Jornada de Saúde Quilombola foi construída a partir da presença, da escuta e do diálogo com as mulheres dos territórios quilombolas da Bahia. Nosso caminho metodológico, de caráter participativo, feminista e antiracista, fundamenta-se em uma abordagem

### O PROJETO DE BEM VIVER DAS MULHERES NEGRAS



O projeto de Bem Viver, defendido pelos Movimentos de Mulheres Negras, propõe a construção de novas relações sociais e parte do reconhecimento de que precisamos rever nossa relação com a natureza, com os demais seres vivos e com os modos de organização da vida. Trata-se de desarticular lógicas de dominação, extrativismo e exploração, enfrentando as bases que sustentam as desigualdades e a crise climática.

Falar de Reparação e Bem Viver pressupõe um ajuste de contas com o passado e uma intervenção no presente, com vistas à construção de um futuro que garanta a dignidade humana e o equilíbrio dos ecossistemas. Nesse sentido, o enfrentamento ao racismo ambiental é parte fundamental desse projeto político.

Manifesto da Marcha das Mulheres Negras (2025)



de base comunitária e na sistematização de experiências, sendo orientado pelo princípio de que é no encontro que o conhecimento acontece. Ao percorrer quilômetros pelos territórios quilombolas do estado e conversar com cerca de 400 mulheres quilombolas, ouvindo suas narrativas e participando de suas dinâmicas comunitárias, reafirmamos que elas são as protagonistas na produção de saberes territorializados sobre saúde sexual, saúde reprodutiva e cuidado ancestral.

Nossa abordagem feminista negra, parte do entendimento de que os saberes tradicionais quilombolas são formas legítimas de produzir conhecimento e enfrentar as desigualdades raciais na saúde. As atividades da Jornada (rodas de conversa, oficinas de desmedicalização da vida, práticas de cuidados ancestrais e escutas estratégicas) foram construídas em diálogo com cada comunidade, respeitando seus tempos, suas lideranças e suas tecnologias de organização. Esse processo buscou compreender tanto as barreiras de acesso à saúde quanto às estratégias comunitárias de proteção, cura e Bem Viver. O caderno nasce desse percurso e se orienta por ele: o método é o encontro, e dele emergem caminhos para resistir, cuidar e transformar.

A construção deste caderno percorre caminhos traçados pela escuta, pelo encontro e pela presença nos territórios quilombo-

## CAMINHOS QUE CONSTRUÍRAM ESTE CADERNO

Este caderno nasce de caminhos percorridos pelos territórios quilombolas da Bahia, onde o encontro com as mulheres nos ensinou diferentes formas de cuidar, resistir e viver.

- Na Chapada Diamantina (Seabra e Boninal), estivemos nas comunidades do Basílio, Cachoeira do Mocambo e Mocambo, Baixão Velho, Agreste, Serra do Queimadão, Mulungu, Olhos d'Águinha, Conceição, Cutia e Bateias.
- No Velho Chico, seguimos por Lagoa do Peixe, Pau D'Arco e Parateca, Araçá Cariacá e Rio das Rãs.
- No Baixo Sul e Litoral Sul (Camamu, Maraú, Ituberá, Nilo Peçanha e Itacaré), encontramos as comunidades do Barroso, Ilha do Tanque, Jetimani, Porto de Trás e Marimondo.
- No Recôncavo Baiano, chegamos a Engenho da Ponte e Santiago do Iguape.

Cada território é parte deste caderno. Cada encontro é memória viva que segue aquilombando o cuidado.

las da Bahia. Entre estradas, travessias e acolhida, chegamos em comunidades onde o cuidado é partilhado, a memória é viva e os saberes seguem sendo cultivados pelas mulheres. Esse percurso se deu a partir dos encontros realizados em comunidades quilombolas situadas nos territórios de identidade da Chapada Diamantina, Velho Chico, Baixo Sul, Litoral Sul e Recôncavo Baiano. A chegada a cada território foi guiada pelas relações já existentes entre o Odara e as organizações locais de mulheres quilombolas, vínculos que possibilitaram um processo ético, político e afetivo, acolhido pelas lideranças comunitárias.

Os saberes compartilhados nas rodas de conversa e oficinas foram reunidos, organizados e sistematizados de forma cuidadosa, respeitando as palavras e os sentidos atribuídos pelas próprias mulheres quilombolas. Cada narrativa, prática de cuidado, memória e uso de plantas passou por um processo de escuta e registro com as participantes, garantindo que a esta publicação pudesse refletir seus modos de viver, curar e resistir.

Ao transformar esses saberes em material de consulta, buscamos reafirmar que o cuidado tradicional quilombola é também uma prática de justiça reprodutiva, um campo que defende o direito de viver a sexualidade, a reprodução e a saúde com autonomia, dignidade e liberdade

## COMO ORGANIZAMOS O CADERNO DE PLANTAS

Durante a Jornada, as mulheres compartilharam conhecimentos sobre folhas, raízes, cascas e ervas usadas para proteger o corpo, cuidar das emoções, fortalecer a saúde reprodutiva e enfrentar doenças. Para registrar esses saberes com respeito e responsabilidade, adotamos um cuidado metodológico que distingue dois tipos de registros:

- **Quando uma planta foi mencionada pelas mulheres**, registramos seus *modos de uso tradicional* tal como foram compartilhados nas rodas e oficinas, sem acrescentar ou adaptar práticas.
- **Quando uma planta estava presente no território, mas não foi mencionada**, registramos apenas sua presença e propriedades amplamente conhecidas na medicina popular, sem atribuir a ela saberes tradicionais quilombolas.

Essa distinção preserva a autoria das mulheres, evita generalizações e reconhece que o saber das mulheres quilombolas é situado, relacional e transmitido pela experiência e pela oralidade. O caderno das plantas foi, portanto, organizado de modo a refletir tanto a fala das quilombolas quanto o território que sustenta seus modos de viver e cuidar.



dos controles racistas que historicamente vulnerabilizam as mulheres negras periféricas e quilombolas. As práticas de cura, os usos das ervas, os banhos e os oleatos são tecnologias ancestrais que ampliam a autonomia corporal, fortalecem redes comunitárias de proteção e enfrentam a medicalização da vida.

Assim, esta publicação é resultado de um processo coletivo guiado pela escuta atenta, pelo respeito às diferenças territoriais e pelo reconhecimento de que as mulheres quilombolas são autoras e guardiãs de saberes fundamentais para o Bem Viver. Dessa forma, mais que registrar práticas, buscamos fortalecer um projeto de autonomia, justiça reprodutiva e enfrentamento ao racismo que estrutura o sistema de saúde nesses territórios.

O método que nos orientou, centrado na participação, no diálogo e nas tecnologias ancestrais, reafirma que a vida e o cuidado não cabem em protocolos únicos. Cada território nos ensinou formas próprias de curar, resistir e viver. É desses ensinamentos que este documento se faz uma ferramenta para apoiar as mulheres, circular saberes, inspirar práticas e reforçar que é no coletivo que seguimos construindo caminhos de liberdade.

Do encontro com as mulheres quilombolas emergem saberes ancestrais, mas também denúncias sobre as desigualdades que enfrentam no acesso à saúde. As experiências compartilhadas ao longo da Jornada evidenciam como o direito à saúde e à autonomia das mulheres negras periféricas e quilombolas é atravessado tanto pela força dos saberes tradicionais quanto pelos limites e ausências das políticas públicas. Compreender esse cenário é parte do enfrentamento e da luta por Reparação e Bem Viver.



# VOZES DAS MULHERES QUILOMBOLAS

**“Quem me ensinou as ervas foi Deus mesmo.”**

Durante a Jornada de Saúde, Dona Dalvina, do Quilombo de Pau D’Arco, compartilhou como aprendeu a lidar com as plantas medicinais a partir da própria experiência.

Ao ser perguntada sobre quem lhe ensinou os usos das plantas, mostrou como seus conhecimentos estão conectados com a própria trajetória:

**“Quem me ensinou as ervas, foi Deus mesmo, porque ali eu apanhava uma, fazia um chá dava certo, apanhava outra, fazia um chá dava certo e, com isso, eu fui, fui, fui[...] Eu não tenho uma leitura, não sei ler nada, nem o nome eu não sei fazer, mas conheço qualquer planta.**

Questionada sobre a procura das pessoas por seus conhecimentos, contou:

**“Tem dia de eu nem comer, com a casa cheia de gente. Uma vem com um menino, outra chega, todo dia a casa enche... Até em São Paulo, mia fia. Até em São Paulo, eu ensino remédio pra gente que dá certo. Graças a Deus.”**



Ao ser perguntada sobre as plantas que costuma indicar, mencionou a arruda como uma das mais importantes:

**“Arruda é boa pra muitas coisas, muitas doenças.”**



Ao final da conversa, reafirmou sua confiança nos saberes tradicionais e nas plantas medicinais como formas legítimas de cuidado:

**“É remédio. E cura. Melhor que o remédio da farmácia. Tô te dizendo, cura!”**

Depoimento concedido por Dalvina Pereira Melo, 81 anos, no quilombo de Pau D’arco, Bom Jesus da Lapa, durante a Jornada de Saúde Quilombola.

## O QUE APONTAM AS POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE SAÚDE QUILOMBOLA?

O relato de Dalvina Pereira revela como os saberes tradicionais são construídos na experiência, na espiritualidade e na convivência com o território. A experiência da rezadeira evidencia as desigualdades de acesso à educação formal que marcam as trajetórias de vida de muitas mulheres quilombolas, mas, ao mesmo tempo, reafirma a legitimidade de saberes ancestrais que continuam produzindo saúde, autonomia e bem viver nos territórios. Reconhecida como referência de cuidado em sua comunidade, Dalvina compartilha conhecimentos que circulam entre famílias, gerações e territórios, fortalecendo redes comunitárias de proteção e cuidado. Compreender como as políticas públicas dialogam, ou deixam de dialogar, com essas realidades é fundamental para fortalecer o direito à saúde e à justiça reprodutiva.

Para o movimento quilombola, saúde não é só ir ao posto ou tomar remédio. Saúde quilombola é vida com dignidade, é corpo cuidado, é território protegido, é saber ancestral respeitado. Ela nasce da relação entre as pessoas, a terra, a natureza, a espiritualidade, a cultura e a organização da comunidade.

Falar de saúde quilombola exige reconhecer que o **racismo interfere diretamente na saúde** dessa população. Desde 2005, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece que o racismo, assim como o sexismo, é um determinante social da saúde, o que ajuda a explicar por que as meninas e mulheres negras periféricas e quilombolas adoecem mais, enfrentam mais barreiras de acesso aos serviços de saúde e morrem mais cedo. Diante



- Em 1995 aconteceu, em Brasília, a Marcha Zumbi dos Palmares, pelos 300 anos de imortalidade de Zumbi. Esse foi o **primeiro encontro nacional dos quilombolas no Brasil**.
- Desde os primeiros documentos desse período, a saúde já aparecia como pauta prioritária do movimento quilombola, ligada à garantia de direitos e à vida nos territórios.

disso, é preciso reconhecer que o racismo atua tanto nas condições de vida, como renda, trabalho, moradia, água, alimentação e transporte, quanto no atendimento em saúde, quando a dor não é levada a sério, há negligência, demora no cuidado ou violência nos serviços.

Por isso, não basta oferecer o mesmo cuidado para todas as pessoas. Para enfrentar as desigualdades em saúde, é preciso reconhecer o racismo como parte do problema, produzir informações que mostrem quem adoece e quem morre, e construir políticas públicas capazes de responder às realidades territoriais das mulheres quilombolas.

Na pesquisa “Aquilombar a saúde, contracolonizar as lutas: o projeto político do movimento quilombola para a saúde no Brasil”, o pesquisador e ativista pelos direitos da saúde quilombola, Mateus Brito, quilombola de Lagoa de Maria Cle-mência (Bahia) e pesquisador do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA), analisou documentos históricos da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) para compreender as concepções de saúde quilombola construídas ao longo dos tempos. Em sua pesquisa, ele mostra que, para o movimento quilombola, saúde está ligada à terra e ao território, à ancestralidade, à identidade negra quilombola, aos saberes tradicionais, às plantas, às águas e ao meio ambiente. A saúde aparece também como direito, como luta

## **DIMENSÕES DA SAÚDE QUILOMBOLA**

**A saúde quilombola acontece em duas dimensões que precisam caminhar juntas:**

### **Saberes ancestrais quilombolas (dimensão tradicional)**

Plantas medicinais, chás, benzimentos, parteiras, rezadeiras e práticas de cuidado que atravessam gerações e nascem do território.

### **Atenção à saúde do Estado (dimensão institucional)**

Postos de saúde, hospitais, profissionais e políticas públicas do SUS.

O problema é que, muitas vezes, essas duas dimensões não dialogam. Quando os saberes quilombolas são desvalorizados ou ignorados, o cuidado se torna incompleto e distante da realidade das mulheres.

Fonte: baseado nas discussões de Mateus Brito (2023).



contra o racismo e como responsabilidade do Estado. Isso revela que, nos quilombos, saúde e vida comunitária caminham juntas.

Esse estudo afirma ainda que o termo “saúde quilombola” foi escolhido pelo próprio movimento quilombola. Ele não é apenas um nome técnico, mas sim uma escolha política. Ao usar esse termo, o movimento quilombola afirma que os quilombos não são apenas “usuários” do sistema de saúde, mas sujeitos que produzem cuidado, conhecimento e práticas próprias. Falar em saúde quilombola é afirmar um jeito quilombola de viver e cuidar. Na prática, essa saúde acontece em duas dimensões que estão conectadas.

## O QUE ESSAS POLÍTICAS TROUXERAM (E O QUE NÃO DERAM CONTA)

### Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN/SUS)

- Reconhece o **racismo como determinante social da saúde**.
- Mostra que mulheres negras adoecem mais e morrem mais por causa das desigualdades raciais.

**Limite:** para as mulheres quilombolas, esse reconhecimento não foi suficiente. As especificidades do território, da vida comunitária, dos saberes ancestrais e das formas próprias de cuidado seguiram pouco contempladas nas práticas do SUS.

### Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas (PNSIPCFA/SUS)

- Reconhece que viver em territórios rurais e tradicionais produz desigualdades específicas em saúde.
- Aponta dificuldades como distância, transporte precário, falta de equipes fixas e necessidade de cuidado territorializado.

**Limite:** ao reunir muitos povos e comunidades em uma mesma política, as especificidades quilombolas (ligadas ao racismo, à ancestralidade negra e à organização comunitária) seguiram pouco visibilizadas.

A ausência de diálogo entre essas dimensões não é um acaso, mas resultado de processos históricos de invisibilização e desvalorização dos saberes quilombolas. É nesse contexto que se insere a forma como as políticas públicas de saúde têm sido construídas no Brasil. Por muitos anos, essas políticas não reconheceram a



saúde quilombola como um campo específico. As demandas dos quilombos seguiram, e ainda seguem, em 2025, diluídas na Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN/SUS) ou na Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas (PNSIPCFA/SUS), sem que exista uma política nacional aprovada e em vigor voltada exclusivamente às realidades quilombolas. Na prática, isso fez com que o SUS, embora pensado para ser universal, chegasse aos territórios de forma insuficiente, sem respeitar a cultura, a história, os saberes e os modos de viver quilombolas. Em muitos casos, esse apagamento reforçou o racismo institucional e desvalorizou os saberes tradicionais de cuidado.

A luta quilombola por uma política específica de saúde não é um pedido, é uma dívida histórica do Estado com os povos e comunidades quilombolas. Como mulheres quilombolas já vivem há muito tempo suas formas de cuidado comunitário, com plantas, chás, parteiras, benzedadeiras e rezadeiras, o próprio movimento apontou que uma política pública de saúde deve reconhecer essa história e dialogar com ela, em vez de ignorá-la ou substituí-la.

## ALGUNS MARCOS DA LUTA PELA SAÚDE QUILOMBOLA

### 2022

- Pela primeira vez na história, a população quilombola foi incluída no Censo Demográfico do IBGE. Esse marco é fundamental, porque **sem dados não há política pública**.

### 2023

- Realização da **Primeira Conferência Livre de Saúde Quilombola**, durante a 17ª Conferência Nacional de Saúde. Nela, o movimento quilombola afirmou que a saúde quilombola precisa de uma política nacional específica.
- **Publicação da Resolução nº 715/2023**, na qual o Conselho Nacional de Saúde, como resultado da 17ª Conferência, recomenda ao Ministério da Saúde a **criação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da População Quilombola** e a ampliação do acesso da população quilombola aos serviços de saúde.

### 2024

- Realização do **Aquilombar – Encontro Nacional dos Quilombolas, em Brasília**, fortalecendo a articulação política e a cobrança pública pela criação da política de saúde quilombola.

### 2025

- Criação do **Comitê Quilombola da Marcha das Mulheres Negras**, que passa a exigir, como pauta central de Reparação e Bem Viver, a implementação plena da Política Nacional de Saúde Integral da População Quilombola.
- Realização do **Primeiro Seminário Nacional de Saúde Quilombola, em Alcântara (MA)**, como espaço de debate e construção coletiva da proposta de política nacional.
- Lançamento do **Primeiro Boletim Epidemiológico de Saúde da População Quilombola**.

Esses marcos mostram que a política tem sido construída a partir da luta do movimento quilombola, mas que ainda precisa sair do papel e virar direito garantido nos territórios.



Em 2025, avançou-se na construção da Política Nacional de Saúde Integral da População Quilombola (PNASQ/SUS), a primeira política federal pensada para incluir as especificidades culturais, territoriais, sociais e étnico-raciais dos quilombolas no SUS. Essa política afirma que a saúde quilombola começa com o direito de viver em território e comunidade, e busca articular as duas dimensões da saúde que já discutimos: os saberes ancestrais e a atenção institucional à saúde. A PNASQ/SUS propõe que o SUS reconheça e enfrente as desigualdades raciais e territoriais, fortaleça a participação social, produza dados que permitam ver de fato as desigualdades e promova ações de atenção à saúde que respeitem as tradições, a relação com a terra e os modos de viver quilombolas.

A urgência desse avanço foi reafirmada no processo de construção da **Marcha Global de Mulheres Negras por Reparação e Bem Viver**, quando o **Comitê Quilombola** da Marcha afirmou que a implementação plena da Política Nacional de Saúde Integral da População Quilombola é uma exigência de Reparação Histórica. Formado por mulheres quilombolas de diferentes territórios do país, o Comitê denuncia que não há bem viver possível sem terra titulada, sem proteção da vida das lideranças, sem valorização dos saberes tradicionais, sem justiça climática e sem uma política de saúde que chegue de fato aos quilombos. Ao levar essa pauta para a Marcha, as mulheres quilombolas defendem que saúde, território e ancestralidade caminham juntos, e que garantir a política no papel não basta: é preciso que ela se transforme em cuidado, dignidade e direito vivido nos territórios.

No entanto, ainda há um longo caminho para que essa política chegue de fato nos territórios, se converta em serviços e ações que dialoguem com as realidades locais e que sejam capazes de curar, ouvir e respeitar as mulheres quilombolas como sujeitos de cuidado e não apenas como usuárias de um sistema.



## Saúde ancestral quilombola: território, saber e continuidade da vida

Nas Jornadas de Saúde realizadas nos quilombos da Bahia, uma coisa se destacou desde as primeiras escutas: **quando o cuidado institucional falha ou não chega, a vida segue sendo**

**cuidada no território.** As mulheres quilombolas compartilharam práticas, memórias e saberes que atravessam gerações e continuam sustentando o corpo, a espiritualidade e a comunidade. Foi a partir dessas experiências que reafirmamos, em diálogo com as pesquisas de Mateus Brito (2023), a saúde ancestral quilombola como um modo de cuidar que nasce do território e não pode ser separado dele.

Ao percorrer diferentes territórios quilombolas do estado, as escutas da Jornada mostraram que a saúde ancestral quilombola só existe no território e está diretamente ligada ao direito de viver em comunidade. Para as mulheres quilombolas, ter saúde é viver o território de forma plena, com autonomia, proteção e continuidade da vida. Durante as Jornadas, também identificamos as barreiras de acesso aos serviços de saúde que atravessam a vida das mulheres quilombolas: distância, falta de transporte, atendimento desrespeitoso, racismo institucional e ausência de escuta. Diante dessas ausências, os saberes ancestrais das medicinas quilombolas seguem sendo, há mais de 450 anos, formas legítimas e fundamentais de cuidado.

Mesmo sendo essenciais para a vida nos territórios e permanecendo vivos até hoje, esses saberes seguem pouco reconhecidos pelo sistema oficial de saúde. O SUS, em muitos momentos, falha em valorizar, fortalecer e dialogar com as medicinas quilombolas, tratando esses conhecimentos como secundários ou informais, quan-

## O QUE É SAÚDE ANCESTRAL QUILOMBOLA?

Saúde quilombola é ter o direito de viver no território, em comunidade, entendendo a comunidade como os vivos e os mortos, como os encantados também, como esse território que é sagrado e ancestral

Fonte: (Brito, 2025).



do, na verdade, são medicinas ancestrais de cuidado. Reconhecer a saúde ancestral quilombola é também **questionar a forma como as políticas públicas de saúde foram historicamente construídas**. Quando os saberes das medicinas quilombolas são tratados como secundários, informais ou “alternativos”, o que está em jogo não é apenas uma escolha técnica, mas uma decisão política que define quais vidas, conhecimentos e modos de cuidar são considerados legítimos.

Nesse sentido, a desmedicalização da vida das mulheres quilombolas não significa rejeitar o SUS, os medicamentos ou os serviços de saúde. Significa **romper com um modelo de cuidado que reduz a saúde à prescrição, ao controle e à intervenção**, ignorando o território, a ancestralidade e a autonomia das mulheres. A medicalização excessiva se expressa quando o corpo é visto apenas como risco, doença ou problema, e não como corpo atravessado por história, relações, espiritualidade e saber.

Desmedicalizar, nesse contexto, é **recolocar os saberes quilombolas no centro do cuidado**, sem transformá-los em mercadoria ou submeter suas práticas a normas que desrespeitam sua dimensão cultural, espiritual e comunitária. É afirmar que ampliar o cuidado passa por ouvir as mulheres, respeitar seus tempos, proteger o território e reconhecer que a saúde não se separa da vida.

É a partir dessa compreensão da saúde como território, ancestralidade e cuidado coletivo que se torna necessário olhar para as políticas públicas que dizem dialogar com os saberes tradicionais. Se o cuidado nasce no território e se sustenta nos conhecimentos ancestrais, então as políticas de saúde precisam reconhecer esses saberes como parte legítima do cuidado, e não como práticas periféricas ou alternativas. Nesse cenário, a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) aparece como um campo de disputa. Criada em 2006, essa política foi apresentada como uma estratégia para ampliar o acesso às plantas medicinais no sistema



de saúde. No entanto, por muitos anos, ela pouco considerou que as plantas fazem parte de sistemas vivos de conhecimento, inseparáveis do território, da espiritualidade e da organização comunitária quilombola.

Os objetivos dessa política afirmam a ampliação do acesso às plantas medicinais, o uso sustentável da biodiversidade, o fortalecimento da cadeia produtiva e o reconhecimento dos saberes tradicionais. No papel, esses objetivos dialogam com os saberes ancestrais quilombolas. No entanto, quando não partem do território e da participação efetiva das comunidades, correm o risco de reduzir as plantas a insumos terapêuticos e o conhecimento tradicional a um recurso a ser regulado, pesquisado ou explorado, e não a um modo de cuidar vivo, coletivo e ancestral.

Em 2023, o documento “Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos Revisitada” apontou a necessidade de revisar essa política. Entre as proposições, destacam-se o fortalecimento das farmácias vivas, a articulação entre diferentes setores do Estado e, sobretudo, a ampliação da participação de comunidades quilombolas, indígenas, de terreiro e de outros povos tradicionais nos espaços de decisão da política. Essas proposições indicam que a PNPMF só fará sentido para os quilombos se reconhecer que as plantas medicinais são parte de sistemas de conhecimento vivos, ligados ao território, à ancestralidade e à organização comunitária. Quando construída com a participação das comunidades, a política pode fortalecer as medicinas quilombolas e ampliar o cuidado. Quando não, corre o risco de transformar saber em mercadoria e cuidado em produto.

### O QUE A PNPMF PRECISA GARANTIR PARA OS QUILOMBOS

- Reconhecimento das medicinas tradicionais quilombolas como formas legítimas de cuidado.
- Fortalecimento das farmácias vivas nos territórios.
- Participação efetiva de quilombolas, parteiras, rezadeiras, raizeiros e comunidades tradicionais.
- Respeito aos saberes ancestrais, sem aprisioná-los ou descaracterizá-los.
- Proteção do território e da sociobiodiversidade como base da saúde.



Garantir esses pontos na Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos é reconhecer que o cuidado nasce no território e que os saberes ancestrais não podem ser tratados como complementares ou secundários. Por isso, disputar políticas públicas, portanto, não é apenas uma questão técnica, mas uma luta por reconhecimento, autonomia e direito ao cuidado.

É a partir dessa compreensão que as reflexões construídas nas Jornadas de Saúde dialogam diretamente com o que as mulheres quilombolas da Bahia afirmaram na **Carta por Reparação e Bem Viver**, elaborada em agosto de 2025, em Bom Jesus da Lapa, no contexto do processo de construção da **Marcha das Mulheres Negras**. Nesse documento, mulheres de diferentes territórios quilombolas da Bahia reafirmaram que saúde, território, saberes ancestrais e bem viver não são favores do Estado, mas direitos historicamente negados.

Ao falar de Reparação, as mulheres quilombolas deixaram claro que não basta o acesso precário a políticas públicas. Reparar significa garantir condições reais de Bem Viver: saúde de qualidade, território protegido, respeito aos modos de vida e autonomia para decidir sobre o próprio corpo e a própria vida. A carta denuncia ainda que a saúde quilombola e ancestral não pode ser apropriada ou transformada em mercadoria por políticas que desconsideram o território, a espiritualidade e a organização comunitária. Essa posição se conecta diretamente com a desmedicalização da vida: cuidar não é controlar corpos, capturar saberes ou reduzir práticas ancestrais a produtos, mas reconhecer que o cuidado é coletivo, territorial e político.

“Não queremos que nossa saúde quilombola e ancestral seja apropriada e transformada em produto de políticas brancas. Queremos políticas que respeitem nossos saberes...”

*Carta de Mulheres Quilombolas de Territórios da Bahia por Reparação e Bem Viver, 2025.*



Ao abrir a carta afirmando que *“nossos passos são ancestrais e nosso tempo é agora”*, as mulheres quilombolas da Bahia reafirmam que cuidar do corpo, do território e da comunidade é um ato político. Assim, a luta por saúde ancestral, por desmedicalização da vida e por políticas públicas que respeitem os quilombos é parte da luta maior por **Reparação e Bem Viver**. É a partir dessa compreensão que seguimos, no próximo tópico, defendendo a Justiça Reprodutiva como um horizonte político para as mulheres quilombolas.

## JUSTIÇA REPRODUTIVA E O DIREITO DE EXISTIR NOS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS

A partir das vozes, das experiências e das reivindicações expressas pelas mulheres quilombolas na luta por Reparação e Bem Viver, a Justiça Reprodutiva se afirma como um horizonte político concreto. Para as mulheres quilombolas, falar de justiça reprodutiva é falar do direito de viver no território, cuidar do próprio corpo, proteger a comunidade e decidir sobre a própria vida em condições reais de dignidade.

Formulada no seio do movimento de mulheres negras, a Justiça Reprodutiva entende que a saúde sexual e reprodutiva não se resume à escolha individual. Ela depende de condições concretas de existência: renda, moradia, alimentação, saúde, tempo, segurança e respeito à ancestralidade. Sem essas condições, a liberdade reprodutiva não se realiza.

**Mais do que o direito de escolher, a Justiça Reprodutiva afirma que a liberdade reprodutiva só é possível quando há plenas condições de vida com dignidade.**

Manifesto de Justiça Reprodutiva da Marcha das Mulheres Negras, 2025.

Quando olhamos para a realidade das mulheres quilombolas, percebemos que esse horizonte ainda está distante. As desigualda-



des em saúde, a violência nos serviços, a ausência de políticas efetivas e os ataques aos territórios mostram que o direito de viver, gestar, parir, não gestar, criar filhos e envelhecer com dignidade segue sendo negado. O *Relatório Saúde Quilombola no Brasil: evidências para a equidade*, produzido pela CONAQ, Cidacs/Fiocruz e ISC, evidencia desigualdades profundas. Mesmo sem incluir ainda mortalidade materna e outros indicadores essenciais, os dados disponíveis mostram que mulheres quilombolas morrem mais por doenças crônicas diretamente relacionadas à saúde reprodutiva.



## Principais causas de morte evitáveis com taxas mais altas entre MULHERES QUILOMBOLAS (por 100 mil habitantes):

|                                                                                                                                                                                                                                                                                              | MULHERES QUILOMBOLAS | POPULAÇÃO GERAL |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|-----------------|
|  <b>DOENÇAS ISQUÊMICAS DO CORAÇÃO (DIC):</b><br>- Indica dificuldade de acesso ao cuidado contínuo, acompanhamento e prevenção.                                                                           | 38,8                 | 33,2            |
|  <b>DIABETES:</b><br>- Revela barreiras para acompanhamento, exames regulares, alimentação saudável e tratamento adequado.                                                                                | 27,7                 | 25,9            |
|  <b>AVC:</b><br>- Expõe fragilidade no acesso aos serviços de urgência, transporte sanitário e cuidado especializado.                                                                                     | 17,7                 | 13,0            |
|  <b>CAUSAS MAL DEFINIDAS:</b><br>- Sinaliza apagamento institucional, negligência e ausência de diagnóstico<br>- quando o Estado nem sequer se deu ao trabalho de registrar por que aquela mulher morreu. | 27,4                 | 21,4            |

Esses números não são neutros. Eles mostram que as mesmas doenças que mais matam gestantes negras no Brasil (hipertensão, diabetes, AVC) são justamente as mais frequentes entre as mulheres nos territórios quilombolas. Mostram também que onde o Estado falha em diagnosticar, tratar e acompanhar, elas morrem sem nome, sem causa, sem registro, num silêncio que é forma de violência.

### **Por que esses dados importam para a Justiça Reprodutiva?**

- Porque uma mulher com maior risco de morrer por doenças crônicas também tem maior risco na gravidez, no parto e no pós-parto.
- Porque causas mal definidas indicam que vidas quilombolas seguem invisibilizadas pelo Estado, inclusive nos indicadores que deveriam orientá-lo.
- Porque a ausência de cuidado integral transforma desigualdades históricas em mortes evitáveis.
- Porque esses números mostram que os corpos de mulheres quilombolas estão adoecendo e morrendo antes, como efeito direto do racismo.

No entanto, a violência que atravessa a vida das mulheres quilombolas não se expressa apenas nas doenças que poderiam ser evitadas. Ela também aparece nas mortes violentas, nos ataques ao território, na crueldade dirigida aos seus corpos e às suas lideranças. A mesma estrutura racista e patriarcal que produz hipertensão não tratada, diabetes sem acompanhamento e óbitos por causas mal definidas também autoriza que mulheres quilombolas sejam violentadas, perseguidas e assassinadas.

Esses crimes não são desvios individuais: fazem parte de um projeto que tenta romper redes de cuidado, silenciar saberes, fragilizar organizações e afastar comunidades de suas terras. E quando



o Estado se omite, ele reafirma que os corpos e territórios quilombolas podem ser violados — um ataque direto ao direito de viver, decidir, proteger e transmitir a vida. Por isso, compreender a violência letal contra mulheres quilombolas é compreender outra face da **injustiça reprodutiva**.

Essas mortes não são isoladas: elas revelam como o racismo, a violência de gênero e o conflito territorial violam diretamente o direito de viver, cuidar, criar filhos, permanecer no território e transmitir saberes.

O *Relatório Resistências Quilombolas* revelou ainda um padrão recorrente de crueldade específico dos assassinatos contra mulheres quilombolas:

- violência sexual,
- corpos deixados nus ou com roupas rasgadas,
- ferimentos na cabeça e no rosto,
- múltiplas perfurações,
- lacerações brutais,
- mortes com tiros e golpes sucessivos.

Essas agressões mostram que o corpo da mulher quilombola é tratado como território violável, e que o gênero agrava a violência que o racismo já produz. **Esse padrão viola diretamente os direitos se-**

## ASSASSINATOS DE MULHERES QUILOMBOLAS SÃO INJUSTIÇAS REPRODUTIVAS

O *Relatório Resistência Quilombola*, lançado em 2025, mostra que mulheres quilombolas seguem sendo assassinadas com violência extrema: uma face brutal da injustiça reprodutiva no Brasil. Entre 2019 e 2024:



**33%** das pessoas quilombolas assassinadas eram mulheres.



Muitas eram **lideranças comunitárias, guardiãs de saberes e defensoras do território**.



Em **50% dos casos**, houve **tortura, espancamento, queimaduras, múltiplas perfurações** ou violência sexual.

As principais motivações foram:



**conflitos de terra (35%),**



**violência doméstica e feminicídio (24%).**



Os principais suspeitos incluem **pistoleiros, posseiros e (ex-) companheiros**.

Fonte: Vidas Interrompidas (CONAQ, 2025).



**xuais e reprodutivos, negando o direito à autonomia, à integridade física e ao viver com dignidade, e revela o cenário de injustiças reprodutivas vividas pelas mulheres quilombolas.**

### **POR QUE É INJUSTIÇA REPRODUTIVA?**

Porque a violência brutal contra mulheres quilombolas viola diretamente:

- **o direito de viver sem violência,**
- **o direito à autonomia corporal e sexual,**
- **o direito de decidir sobre sua vida reprodutiva,**
- **o direito de criar os filhos em segurança,**
- **o direito de permanecer no território,**
- **o direito de existir com dignidade.**

Quando mulheres quilombolas são mortas, torturadas ou violentadas sexualmente:

- **rompem-se redes de cuidado;**
- **interrompe-se a transmissão de saberes;**
- **fragilizam-se associações e coletivos;**
- **desestrutura-se a comunidade;**
- **e o Estado reafirma um projeto de morte que atinge mulheres negras no corpo e no direito ao território.**

Diante desse cenário de violações, apagamentos e injustiças reprodutivas que atravessam a vida das mulheres quilombolas, reafirmamos que resistir também é cuidar, e que os saberes tradicionais continuam sendo uma das formas mais ancestrais de proteção, autonomia e reconstrução da vida coletiva. Nas rodas da Jornada de Saúde, as mulheres nos mostraram que, mesmo sob ataques, é no território, na organização política, nas folhas, nas rezas, nos banhos, nos óleos e nos modos de fazer herdados das ancestrais que elas sustentam a saúde, a espiritualidade, o corpo e a comunidade. Esses conhecimentos não substituem a responsabilidade do Estado, mas denunciam sua ausência e revelam caminhos que continuam vivos, criando futuro mesmo em condições adversas.

Mais do que práticas de cuidado, esses saberes guardam histórias sobre os modos de nascer, viver, pertencer e atravessar o mundo. Histórias que revelam como território, ancestralidade, espiritualidade e cuidado caminham juntos nas experiências das mulheres quilombolas. É a partir de uma dessas histórias que seguimos esta caminhada.



# VOZES DAS MULHERES QUILOMBOLAS

**“Eu nasci dentro do riacho mesmo, numa canoa...  
nos braços de mãe Nanã.”**

Getilene, moradora do quilombo de Santo Amaro, no Baixo Sul, compartilhou, durante a Jornada, a história de seu nascimento com muita alegria.

**“Eu me chamo Getilene, sou do quilombo do Santo Amaro, mas nasci no quilombo do João Rodrigues, no riacho e nasci na mão, nos braços de minha mãe Nanã, porque não deu tempo chegar na cidade. Então, nasci numa canoa, meu pai remando e minha mãe na canoa e ela me recebeu. É muito, muito assim, uma coisa muito linda de contar. Por isso que eu sou de três quilombos: eu nasci no João Rodrigues, moro no Santo Amaro e sou do quilombo do Porto de Trás.”**

Ao final da conversa, ao ser perguntada sobre sua relação com Nanã, ela acrescentou:

**“Eu sou filha de santo da minha mãe que era filha de Nanã e hoje ela se encontra no ‘afá’ junto com o esposo dela e eu sou filha de Nanã”.**

Ao ser perguntada sobre quem acompanhava sua mãe naquele momento, ela respondeu:

**“Ela tava com meu pai. Só eles dois. Só minha mãe e meu pai. Era de dia. Tava dia ainda. Quando ela sentiu a dor, ela tava lavando roupa. Ela começou a estender a roupa, aí a dor aumentou. Então, ele rapidamente pegou a canoa e vinham pra cidade, só que é um pouco distante e aí não deu tempo. Eu nasci dentro do riacho mesmo, numa canoa, nos braços de mãe Nanã.”**



## SABERES TRADICIONAIS NO CUIDADO À SAÚDE DAS MULHERES QUILOMBOLAS

A história de Getilene revela como nascimento, território e ancestralidade se entrelaçam nas experiências reprodutivas quilombolas. Ao contar sobre seu nascimento, com orgulho e alegria, ela nos convida a refletir sobre as condições em que muitas mulheres quilombolas vivenciaram a gestação, o parto e o acesso à saúde. O relato sobre o parto de sua mãe fala de deslocamentos impostos pelas distâncias dos serviços de saúde, mas também de pertencimentos construídos nas águas, nas relações familiares e nas tradições espirituais que sustentam a vida comunitária. Ao recordar que nasceu “nos braços de mãe Nanã”, Getilene conecta sua chegada ao mundo a uma memória que articula cuidado, maternidade e espiritualidade, ampliando os sentidos de justiça reprodutiva para além das instituições de saúde.

Essa compreensão do cuidado como território, ancestralidade, espiritualidade e vida comunitária esteve presente em diferentes momentos das Jornadas de Saúde realizadas nos quilombos da Bahia. Esses encontros levaram Odara a quintais, cozinhas, matas, roçados e terreiros, espaços onde as mulheres quilombolas guardam e renovam seus modos de cuidar. Nas oficinas sobre os saberes tradicionais, elas nos apresentaram e reconheceram folhas, ervas, resinas, raízes e preparos que atravessam gerações: garrafas que “limpam” a barriga após o parto, banhos que “quebram” o mau-olhado, chás que fortalecem a saúde reprodutiva e apoiam as mulheres que desejam engravidar, folhas que aliviam cólicas, banhos de assento que ajudam na cicatrização e cuidado íntimo. Cada gesto, cada planta, cada história compartilhada carregava uma tecnologia ancestral de cuidado, produzida pela experiência, pela memória e pela vida em comunidade.

A partir desses encontros, compreendemos que a saúde das mulheres quilombolas não cabe apenas nas definições do Estado ou nos limites do hospital. Ela é tecida no território, na relação com a



natureza, na força das mais velhas e no cuidado coletivo que protege o corpo. Saúde, para elas, é equilíbrio, é vínculo, é proteção, é aquilo que se constrói com as mãos, com as folhas e com a sabedoria que passa de boca em boca. Saúde, nessa perspectiva, não é apenas ausência de doença física, mas um equilíbrio entre corpo, mente e espírito.

Por muitas décadas, os saberes tradicionais foram o principal recurso de cuidado para diversas comunidades, devido à distância das cidades, à falta de acesso a hospitais e à ausência de medicamentos industrializados. Esses saberes, reconhecidos hoje como **tecnologias ancestrais**, são transmitidos por meio da oralidade, especialmente pelas mulheres mais velhas, e constituem parte essencial da identidade cultural do povo brasileiro.

Entretanto, processos como a globalização, a industrialização, a urbanização e o racismo que deslegitima conhecimentos negros têm ameaçado a continuidade dessas práticas. As parteiras tradicionais representam um exemplo emblemático desse apagamento, porque, apesar de serem guardiãs dos saberes ancestrais e responsáveis por transmitir práticas de cuidado fundamentais para a saúde das mulheres, elas têm sido sistematicamente invisibilizadas pelo Estado e pelas políticas de saúde.



## O QUE SÃO TECNOLOGIAS ANCESTRAIS?

Tecnologias ancestrais são sistemas de cuidado, conhecimento e manejo do território criados e aperfeiçoados por nossas ancestrais ao longo de muitas gerações. Elas incluem práticas como o uso de plantas medicinais, banhos, chás, rezas, toques, massagens, posições de parto, modos de preparo e saberes profundos sobre o corpo e sobre a natureza. São conhecimentos transmitidos pela oralidade, pela convivência e pelo fazer coletivo, e que sustentam a saúde física, emocional, espiritual e comunitária.

Nos quilombos, as tecnologias ancestrais sempre garantiram não apenas o cuidado das pessoas, mas também a proteção da floresta, das águas, do solo, das sementes e das plantas. Foram as mulheres quilombolas que, ao longo dos séculos, plantaram, colheram, armazenaram, rezaram e transmitiram esses saberes, assegurando que a vida pudesse florescer mesmo diante da violência, da pobreza e do abandono do Estado.



As parteiras promovem saúde e bem-estar às mulheres e crianças durante a gestação, o parto e o pós-parto. Fazem uso de ervas, banhos, chás, rezas, cantos, simpatias, toques e posições que compõem a arte de seu ofício. Elas são reconhecidas pela comunidade e atuam com solidariedade, afeto, responsabilidade e profundo conhecimento do corpo.

#### **Diversos fatores têm contribuído para o desaparecimento das parteiras tradicionais:**

- crença de que apenas o parto hospitalar é seguro;
- medicalização crescente da vida;
- avanço dos postos de saúde sem diálogo territorial;
- falta de apoio institucional;
- ameaças legais e morais ao seu trabalho.

Ainda assim, o fortalecimento das parteiras e dos saberes tradicionais é uma estratégia eficaz para enfrentar desigualdades em saúde. A inclusão das parteiras no Sistema Único de Saúde (SUS), por exemplo, contribui para a redução da mortalidade materna, sobretudo entre mulheres negras periféricas e quilombolas.



#### **VOCÊ SABIA?**



- Mulheres negras têm 46% mais probabilidade de recorrer a um aborto do que mulheres brancas, segundo a Pesquisa Nacional de Aborto (PNA).
- Para cada 10 mulheres brancas que abortam, 15 mulheres negras realizam o procedimento — muitas vezes de forma insegura.
- O aborto inseguro é uma das principais causas de mortalidade materna em Salvador, com índices até cinco vezes maiores que o recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS).
- Parteiras tradicionais reduzem intervenções desnecessárias, fortalecem a autonomia das mulheres, melhoram a experiência do parto e oferecem apoio emocional que diminui medo, ansiedade e violência.

Esses dados revelam que fortalecer saberes tradicionais é também uma ação de justiça reprodutiva.

Esses dados evidenciam que as desigualdades em saúde estão diretamente relacionadas ao apagamento e à desvalorização



dos saberes tradicionais. Embora as parteiras sigam sendo fundamentais para o cuidado em muitos territórios, seu reconhecimento institucional ainda é recente e marcado por disputas. Os marcos a seguir refletem avanços importantes, mas também revelam o quanto essa valorização ainda é fruto de luta e reivindicação histórica.

**Mas, os saberes tradicionais não se limitam ao partejar.**

Eles vivem também nas rezadeiras que benzem, nas mulheres que preparam banhos e chás, nas que conhecem o tempo da lua, o ciclo das plantas e o caminho das águas. Valorizar esses saberes é, portanto, uma prática de justiça reprodutiva, porque amplia a autonomia das mulheres negras periféricas e quilombolas, fortalece suas redes comunitárias de cuidado e reconhece suas escolhas e modos de parir, criar e viver. Além disso, contribui para preservar identidades culturais, fortalecer memórias coletivas e avançar no cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) relacionados à saúde, bem-estar, redução das desigualdades e valorização da diversidade cultural.

Diante de tudo isso, reafirmamos que cada folha, cada raiz e cada preparo carrega a memória das que vieram antes e a força de quem cuida hoje. Esses saberes atravessam gerações e continuam vivos nas mãos das mulheres quilombolas. Registrar e compartilhar essas práticas é também um ato de cuidado e de resistência. A seguir, apresentamos algumas dessas plantas e práticas, tal como foram compartilhadas durante a Jornada, para que circulem, fortaleçam e sigam nutrindo a vida no cotidiano de cada territórios.



## RISCO DA PERDA DE SABERES

Nas rodas desta Jornada, as mulheres quilombolas da Bahia expressaram preocupação com o desinteresse das gerações mais jovens em aprender e preservar as práticas medicinais tradicionais. Entre os motivos apontados estão o uso excessivo de medicamentos industrializados, a menor disponibilidade de tempo para preparar remédios caseiros e a percepção de que a cura ancestral é mais lenta que a alopática.





# Marcos importantes para o RECONHECIMENTO DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS

Apesar de séculos de atuação das parteiras tradicionais no cuidado à saúde de mulheres e crianças, especialmente em territórios quilombolas e áreas isoladas, o Estado brasileiro só recentemente iniciou processos formais de reconhecimento desses saberes. Esses marcos aparecem tardiamente, após décadas de desvalorização, racismo institucional e tentativas de apagamento das práticas de partejar.

A seguir, destacamos algumas datas que ajudam a compreender a luta por visibilidade e dignidade dessas mulheres.



## 20 DE JANEIRO - DIA NACIONAL DA PARTEIRA TRADICIONAL

A data reconhece a importância das parteiras em territórios onde o acesso aos serviços de saúde é limitado. Elas seguem sendo fundamentais para o cuidado das mulheres, das crianças e para a redução da mortalidade materna e infantil — mesmo sem o devido apoio do Estado.



## 5 DE MAIO - DIA INTERNACIONAL DA PARTEIRA

Instituído pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1991, o dia 5 de maio chama atenção para a relevância das parteiras no mundo inteiro e, sobretudo, para as dificuldades enfrentadas por quem exerce este ofício ancestral. Mais do que uma celebração, é um alerta global sobre a necessidade de proteger e valorizar quem sustenta o cuidado comunitário.



## 2011 - PARTEIRAS NA SAÚDE COMUNITÁRIA (REDE CEGONHA)

Com o lançamento da Rede Cegonha, o Ministério da Saúde passou a mencionar as parteiras tradicionais como elemento da saúde comunitária.



## 2024 - RECONHECIMENTO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL

Em 2024, o Iphan aprovou o registro do *Ofício, Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais do Brasil* como Patrimônio Cultural do Brasil.



## REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO: UMA REIVINDICAÇÃO HISTÓRICA

A urgência da regulamentação é evidente: estima-se que existam **mais de 60 mil parteiras em atuação no país, sendo 45 mil apenas nas regiões Norte e Nordeste**.

Na Bahia, a Rede Nacional de Parteiras Tradicionais estima entre 7 mil e 8 mil parteiras em atividade, mulheres que seguem trabalhando de forma essencial, mas ainda sem direitos, sem segurança jurídica e sem reconhecimento profissional.



Sem regulamentação, o Estado continua se beneficiando de um trabalho que não reconhece, enquanto as parteiras seguem sustentando a saúde de comunidades inteiras sem proteção, sem salário e sem direitos.



# VOZES DAS MULHERES QUILOMBOLAS

**"Você pega umas folha de pau aqui e você levanta."**

Durante a Jornada de Saúde, Etelvina Rita, do Quilombo de Pau D'Arco, compartilhou alguns dos conhecimentos tradicionais presentes no cuidado das mulheres da comunidade.

Questionada sobre os remédios que costuma indicar, afirmou:

**"Conforme a doença, tem o remédio que a gente já sabe que dá certo."**



**"A cebola pra cólica, a cebola branca, o pitoco, poejo. A mulher parida é esse mesmo remédio que é tudo isso dessas coisas."**

**"Que nem arruda mesmo, pra pegar ela, cozinhar às vezes para uma mulher se ela tiver de certas maneiras, né?!"**

**Pega ela, faz com os outros ali e põe.**

**Aquilo ali é remédio."**



Ao falar sobre as pessoas que desacreditam dos chás e das plantas medicinais, respondeu:

**"Antigamente, antigamente tinha o fedegoso perigoso. Uma mulher, ela tava menstruada, ela tiver na cabeça, cê arrancava dois pés de fedegoso, passava no ar do fogo, batia ele assim na tampa, você rapava ele e botava na água quente. Pingava três pingos de óleo da amêndoa na hora que tampou, bebia."**

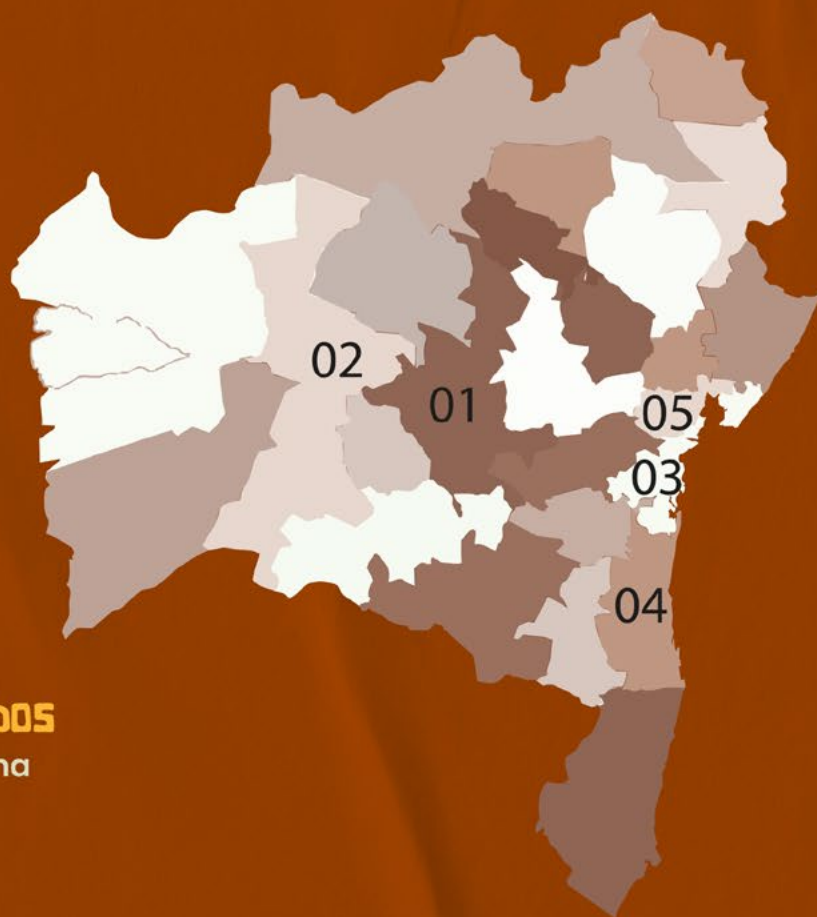


**"Tem gente que duvida mesmo. Nós num duvida não, porque tem chá... Você vai no médico, ele dá remédio, remexe de um lado, mexe de outro. Você pega umas folha de pau aqui e você levanta."**

Depoimento concedido por Etelvina Rita dos Santos, no quilombo de Pau D'arco, Bom Jesus da Lapa, durante a Jornada de Saúde Quilombola.

# CADERNO DE PLANTAS DOS QUILOMBOS DA BAHIA

Saberes e registros a partir da Jornada de Saúde



## TERRITÓRIOS VISITADOS

- 01 Chapada Diamantina
- 02 Velho Chico
- 03 Baixo Sul
- 04 Litoral Sul
- 05 Recôncavo

Este mapa destaca os territórios que fizeram  
parte das Jornadas de Saúde.

Cada território tem sua história, seus saberes e suas  
práticas de cuidado que inspiram e fortalecem este guia.

# ALECRIM-DO-CAMPO

*Lippia thymoides*



Saber quilombola  
registrado



Planta identificada  
no território



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Chapada Diamantina (BA), 2025.

**Nomes populares:** vassourinha,  
alecrim dourado.

**Origem:** Planta nativa da  
América do Sul.

## ONDE ENCONTRAMOS

Chapada Diamantina

## COMO É UTILIZADA PELAS MULHERES QUILOMBOLAS?

Defumações de ambientes.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir  
se baseiam em saberes tradicionais  
e em conhecimentos amplamente  
reconhecidos por estudos populares e  
fitoterápicos.

- Antimicrobiana
- Anti-inflamatória
- Auxilia no controle da pressão arterial
- Contribui para o tratamento de diabetes e obesidade
- Auxilia em cuidados da saúde bucal
- Planta que favorece a regeneração ambiental por atrair abelhas e contribuir para a produção de própolis verde

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Fora dos territórios visitados, esta planta é também utilizada em chás, tinturas e óleos medicados no cuidado de diabetes, obesidade e saúde bucal, segundo registros da medicina popular e fitoterápica.



Os modos de uso apresentados correspondem exclusivamente às práticas mencionadas pelas mulheres quilombolas nos territórios visitados. Não registramos usos que não tenham sido compartilhados pelas participantes.



# ALGODÃO

*Gossypium sp.*



Saber quilombola  
registrado



Planta identificada  
no território



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Chapada Diamantina (BA), 2025.

**Nomes populares:** algodão, algodoeiro

**Origem:** Planta cultivada há milênios em diferentes regiões do mundo; no Brasil, é comum em quintais, roçados e territórios quilombolas.

## ONDE ENCONTRAMOS?

Chapada Diamantina

## COMO É UTILIZADA PELAS MULHERES QUILOMBOLAS?

O chá das folhas do algodão foi mencionado pelas mulheres quilombolas da Chapada como muito bom para tosse, gripes e resfriados fortes.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades listadas a seguir fazem parte do conhecimento popular brasileiro e de estudos fitoterápicos, *não correspondendo a usos quilombolas registrados na Jornada*:

- Ação anti-inflamatória
- Ação purgante
- Fortalecimento do pulmão
- Alívio de tosse e congestões
- Auxílio para cólicas
- Asseio íntimo feminino
- Alívio de dores de garganta
- Potencial calmante gástrico (gastrite)

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Em diversas regiões do Brasil, as folhas do algodoeiro são utilizadas:

- **Chá das folhas:** usado para tosse, dor de garganta, inflamações internas.
- **Banho ou infusão externa:** utilizado para higienização íntima, inflamações e cólicas.
- **Sumo das folhas amassadas:** aplicado como anti-inflamatório local.

## CURIOSIDADE AMPLAMENTE DIVULGADA

**!** Pesquisas científicas revelaram que o composto **gossipol**, encontrado nas sementes e raízes do algodoeiro, tem efeito antifertilidade masculina por reduzir a produção de espermatozoides. Isso não faz parte de práticas tradicionais brasileiras, mas é um dado relevante de investigação científica internacional.

# ALHO

*Allium sativum L.*



Imagem registrada no Mercado Municipal Dona  
Firmina em Bom Jesus da Lapa (BA), 2025.

**Nome popular:** alho

**Origem:** Planta originária da região da Sibéria, amplamente cultivada e utilizada em diferentes partes do mundo

## ONDE REGISTRAMOS?

Velho Chico

Baixo Sul e Litoral Sul

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

O alho é amplamente utilizado nos territórios quilombolas tanto na alimentação quanto em práticas populares de cuidado. Presente em quintais, hortas e cozinhas comunitárias, integra preparos cotidianos e remédios caseiros transmitidos entre gerações.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se baseiam em saberes tradicionais e em conhecimentos amplamente reconhecidos pela medicina popular.

- Utilizado popularmente no cuidado do aparelho digestivo
- Associado ao cuidado de problemas respiratórios
- Utilizado contra gripes e resfriados
- Associado ao combate de parasitoses intestinais
- Utilizado popularmente em casos de edema
- Associado ao cuidado de trombose e arteriosclerose

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

O alho pode ser utilizado de diferentes formas, como:

- Consumo in natura;
- Chás e infusões;
- Xaropes caseiros;
- Condimento culinário em preparações do cotidiano.

Na medicina popular, é amplamente associado ao fortalecimento da saúde e à prevenção de doenças.





Saber quilombola  
registrado



Planta identificada  
no território

# BABOSA

*Aloe vera (L.) Burm. f.*



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Chapada Diamantina (BA), 2025.

**Nomes populares:** babosa,  
aloe vera

**Origem:** Gênero com cerca de 360 espécies distribuídas em zonas tropicais e semiáridas; amplamente cultivada no Brasil e presente em quintais de comunidades quilombolas.

## ONDE ENCONTRAMOS?

Chapada Diamantina

## COMO É UTILIZADA PELAS MULHERES QUILOMBOLAS?

A babosa foi mencionada como uma planta que previne doenças e é boa para dor de estômago.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

A babosa é uma das plantas mais estudadas globalmente e possui usos amplamente reconhecidos na medicina popular:

- Cicatrizante
- Hidratante para pele e cabelo
- Auxilia na regeneração da pele
- Usada em queimaduras leves
- Útil em lesões de pele e irritações
- Usada externamente para hemorroidas
- Ação digestiva e calmante para gastrite (uso interno deve ser cauteloso e guiado)

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

- Gel aplicado diretamente na pele para queimaduras e irritações
- Cataplasmas para feridas e inflamações
- Aplicação no couro cabeludo e cabelos como hidratante
- Alívio de sintomas de hemorroidas





Imagem de Eurico Zimbres para Wikipédia.

**Origem:** Planta nativa do Brasil, comum em áreas de Cerrado e regiões de transição com a Caatinga.

#### ONDE A PLANTA FOI MENCIONADA

Chapada Diamantina  
Velho Chico

#### COMO É UTILIZADA PELAS MULHERES QUILOMBOLAS?

- Banho de assentos para corrimentos e cicatrização vaginais.
- Uso no cuidado com a saúde íntima.
- Uso em feridas e processos de cicatrização da pele.

#### PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades a seguir são amplamente reconhecidas na medicina popular e em estudos fitoterápicos:

- Ação adstringente
- Ação anti-inflamatória
- Ação cicatrizante
- Ação antimicrobiana

#### USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Em diferentes regiões do Brasil, o barbatimão é utilizado na forma de: banhos e lavagens para infecções ginecológicas; chá da casca e uso em feridas e processos inflamatórios





Saber quilombola  
registrado



Planta identificada  
no território

# BOLDO-PEQUENO

*Plectranthus ornatus*



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Velho Chico (BA), 2025.

**Nome popular:** boldo-pequeno

**Origem:** Planta amplamente cultivada em quintais e hortas domésticas, muito utilizada na medicina popular brasileira

## ONDE REGISTRAMOS?

Velho Chico

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

O boldo-pequeno é frequentemente cultivado em quintais e espaços de cuidado doméstico, sendo amplamente conhecido por seu uso tradicional no cuidado do estômago e da digestão. Seu cultivo é comum em hortas familiares e em práticas cotidianas de cuidado popular.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se baseiam em saberes tradicionais e em conhecimentos amplamente reconhecidos pela medicina popular.

- Auxílio na digestão
- Benefício para a saúde intestinal
- Associado ao fortalecimento da flora intestinal
- Utilizado popularmente no alívio de dores de barriga
- Auxílio na digestão de gorduras

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Em diferentes regiões do Brasil, o boldo-pequeno é utilizado principalmente na forma de:

- Chás e infusões das folhas
- Preparos caseiros para desconfortos digestivos
- Uso tradicional após refeições mais pesadas



# CACAU

*Theobroma cacao*



Planta registrada  
no território



Imagem registrada durante a Jornada de Saúde,  
Baixo Sul (BA), 2025.

**Nome popular:** cacau

**Origem:** Planta nativa da América Tropical, amplamente cultivada nas regiões úmidas do Brasil, especialmente no Sul da Bahia

## ONDE ENCONTRAMOS

Baixo Sul e Litoral Sul

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

O cacau faz parte da paisagem e da vida cotidiana de muitos territórios do Sul da Bahia, estando presente tanto na alimentação quanto nas formas de geração de renda e cuidado comunitário. Seu cultivo está profundamente relacionado à história, ao trabalho e aos modos de viver das comunidades da região.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se baseiam em conhecimentos populares e em estudos amplamente difundidos sobre o cacau.

- Ação emoliente
- Ação diurética
- Associado à melhora do fluxo sanguíneo
- Estimulante do sistema nervoso central
- Estimulante cardíaco

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

O cacau pode ser utilizado de diferentes formas, como:

- Polpa utilizada em sucos
- Sementes torradas transformadas em pó
- Preparos caseiros de chocolate
- Vitaminas e bebidas tradicionais

Além do uso alimentar, o cacau possui forte importância cultural, econômica e simbólica nos territórios do Sul da Bahia.





Saber quilombola  
registrado



Planta identificada  
no território

# CANELA-DE-VELHO

*Miconia albicans*



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Chapada Diamantina (BA), 2025.

**Origem:** Planta nativa do Brasil, especialmente frequente no bioma Cerrado e em áreas de transição com Caatinga.

## ONDE ENCONTRAMOS

Chapada Diamantina

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

A canela-de-velho ocorre naturalmente em regiões de Cerrado e Caatinga, formações presentes em partes da Chapada Diamantina. É uma planta de fácil identificação e muito presente no imaginário popular do Nordeste devido à sua fama medicinal.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades listadas abaixo são amplamente reconhecidas na medicina popular brasileira e em estudos fitoterápicos:

- Ação anti-inflamatória
- Ação analgésica
- Auxílio no alívio de dores articulares (artrose, artrite, desgaste articular)
- Auxílio na redução de inchaços

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Na medicina popular e em práticas fitoterápicas contemporâneas:

- Uso tópico: unguentos, pomadas, compressas; indicado para dores articulares.
- Preparações caseiras externas: maceração com óleo vegetal para fricção sobre a área dolorida.
- Infusões para banhos.

40



Apesar de ser muito divulgada em chás, vários profissionais de saúde e estudos alertam que o uso interno não é tradicional em todas as regiões e deve ser feito com cautela.

# CAPIM-LIMÃO

*Cymbopogon citratus*



Saber quilombola  
registrado



Planta identificada  
no território



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Velho Chico (BA), 2025.

**Nomes populares:** capim-santo, capim-cheiroso, cana-cidreira, chá-de-estrada

**Origem:** Planta amplamente cultivada em regiões tropicais, adaptada a climas úmidos e ensolarados

## ONDE ENCONTRAMOS

Velho Chico  
Baixo Sul e Litoral Sul

## COMO É UTILIZADA PELAS MULHERES QUILOMBOLAS?

O capim-limão é uma planta muito presente nos quintais dos territórios quilombolas. Conhecido pelo aroma e pelo uso cotidiano em chás e preparos caseiros para gripes, para dormir e para dor de barriga.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se baseiam em saberes tradicionais e em conhecimentos amplamente reconhecidos pela medicina popular. Ação emoliente

- Utilizado popularmente como calmante
- Associado ao cuidado de febres e gripes
- Auxílio no controle da pressão alta
- Utilizado em problemas nervosos
- Associado ao cuidado de distúrbios do fígado
- Auxílio em casos de má digestão, enjoo e diarreia

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Em diferentes regiões do Brasil, as folhas do capim-limão são utilizadas principalmente na forma de:

- Chás e infusões
- Fervuras caseiras
- Banhos aromáticos
- Preparos utilizados em cuidados cotidianos





Saber quilombola  
registrado



Planta registrada  
no território

# ERVA-CIDREIRA

*Melissa officinalis* L.



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Chapada Diamantina (BA), 2025.

**Nomes populares:** cerva-  
cidreira, melissa

**Origem:** Planta originária da  
Europa e amplamente cultivada  
em diferentes regiões do Brasil

## ONDE ENCONTRAMOS

Baixo Sul e Litoral Sul

## COMO É UTILIZADA PELAS MULHERES QUILOMBOLAS?

A erva-cidreira foi mencionada pelas  
mulheres quilombolas do Baixo Sul e  
Litoral Sul durante as rodas de conversa  
da Jornada de Saúde, especialmente nos  
cuidados relacionados ao descanso, às  
dores e ao bem-estar cotidiano.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir  
se baseiam em saberes tradicionais  
e em conhecimentos amplamente  
reconhecidos pela medicina popular.

- Ação sedativa e calmante
- Utilizada popularmente em dores de  
cabeça e de dente
- Associada ao cuidado de estados  
gripais
- Utilizada em palpitações
- Associada ao cuidado de distúrbios  
gastrointestinais
- Utilizada em desconfortos menstruais
- Associada ao cuidado de reumatismo

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Em diferentes regiões do Brasil, a erva-cidreira é utilizada principalmente na forma de:

- Chás e infusões
- Banhos e lavagens corporais
- Uso tópico para aliviar rachaduras das mamas
- Preparos utilizados para afastar insetos

Na medicina popular, é amplamente associada ao cuidado do corpo, ao relaxamento e ao bem-estar..



# GERVÃO

*Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl



Planta registrada  
no território



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Chapada Diamantina (BA), 2025.

**Nomes populares:** gervão, gervão-roxo, gervão-azul, gervão-do-campo, gervão-legítimo

**Origem:** Planta nativa do Brasil

## ONDE ENCONTRAMOS

Chapada Diamantina

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

O gervão foi identificado durante a Jornada em áreas abertas e ensolaradas da Chapada Diamantina, sendo uma planta comum em regiões de vegetação mais seca e quintais cultivados. Embora esteja presente no território, não foi mencionado pelas mulheres quilombolas nas rodas de conversa.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se baseiam em saberes tradicionais e em conhecimentos amplamente reconhecidos pela medicina popular e fitoterápica.

- Utilizado como tônico estomacal
- Estimulante das funções gastrointestinais
- Auxílio em quadros febris
- Ação diurética e emoliente
- Utilizado em problemas hepáticos
- Auxílio no combate a vermes intestinais
- Uso popular em gripes e resfriados

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Em diferentes regiões do Brasil, o gervão é utilizado principalmente na forma de:

- Infusões e chás
- Cataplasmas para afecções da pele
- Preparos utilizados em contusões e lesões cutâneas

Na medicina popular, também é associado ao cuidado de eczemas, erisipela e lesões causadas por *Leishmania spp.*



# GUACO

*Mikania laevigata* Schultz Bip.



Planta identificada  
no território



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Chapada Diamantina (BA), 2025.

**Nomes populares:** guaco, guaco-trepador, guaco-de-cheiro, erva-de-cobra, erva-das-serpentes

**Origem:** Planta nativa da América do Sul, amplamente encontrada em diferentes regiões do Brasil

## ONDE ENCONTRAMOS

Chapada Diamantina

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

O guaco é uma planta conhecida em diferentes territórios quilombolas, especialmente por seu uso tradicional no cuidado de problemas respiratórios. É frequentemente cultivado em quintais e utilizado em preparos caseiros, principalmente durante períodos de gripe e resfriado.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se baseiam em saberes tradicionais e em conhecimentos amplamente reconhecidos pela medicina popular e fitoterápica.

- Utilizado no cuidado de sintomas de gripe
- Auxílio em inflamações da boca e mau hálito
- Uso popular contra tosse e bronquites
- Associado ao alívio de dores de cabeça
- Utilizado em distúrbios do estômago e diarreias
- Planta aromática utilizada também na culinária

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Em diferentes regiões do Brasil, o guaco é utilizado principalmente na forma de:

- Xaropes caseiros
- Infusões e chás
- Preparos associados ao poejo e ao agrião

Na medicina popular, é tradicionalmente utilizado contra:

- asma
- bronquite
- gripes e resfriados



# HORTELÃ

*Ziziphus joazeiro*



Planta identificada  
no território



Planta registrada durante a Jornada de Saúde  
Velho Chico (BA), 2025

**Nomes populares:** hortelã

**Origem:** Planta amplamente cultivada e utilizada em diferentes regiões do mundo, presente em quintais, hortas e espaços de cuidado doméstico

## ONDE ENCONTRAMOS

Velho Chico

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

A hortelã foi identificada no território dos quilombos do Velho Chico. É uma planta presente nos quintais e utilizada na alimentação cotidiana. Embora esteja presente no território, não foi mencionado pelas mulheres do território nas rodas de conversa.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se baseiam em saberes tradicionais e em conhecimentos amplamente reconhecidos pela medicina popular. Utilizado como tônico estomacal

- Utilizada popularmente no cuidado da anemia
- Associada ao alívio de cólicas menstruais
- Utilizada em casos de diarreia
- Associada ao cuidado de palpitações e tremores
- Utilizada popularmente no cuidado de cálculos da vesícula
- Associada ao combate de vermes intestinais

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Em diferentes regiões, a hortelã é utilizada principalmente na forma de:

- Chás e infusões
- Folhas batidas com leite para combate de vermes
- Bochechos para dores de dente e garganta
- Uso externo em inflamações da boca e gengiva
- Compressas e lavagens em ferimentos e contusões na pele





Saber quilombola  
registrado



Planta identificada  
no território

# HORTELÃ-GROSSO

*Plectranthus amboinicus*



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Baixo Sul (BA), 2025.

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Em diferentes regiões do Nordeste, o hortelã-grosso é utilizado principalmente na forma de:

- Chás e infusões
  - Lambedores caseiros
  - Uso tópico em doenças da pele
  - Sumo das folhas em preparos tradicionais
- Tradicionalmente, o lambedor preparado com as folhas é utilizado para aliviar sintomas de:
- gripe
  - resfriados
  - tosse, especialmente em crianças

**Nomes populares:** hortelã-grosso, malvarisco, malva-do-reino

**Origem:** Planta amplamente cultivada em regiões tropicais e muito presente em quintais e hortas domésticas

## ONDE ENCONTRAMOS

Baixo Sul, Litoral Sul e Velho Chico

## COMO É UTILIZADA PELAS MULHERES QUILOMBOLAS?

“Sentiu qualquer dor dá certo”

- Dor de barriga
- Cólica de quentura
- Chá
- Sumo da folha macerada.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se baseiam em saberes tradicionais e em conhecimentos amplamente reconhecidos pela medicina popular.

- Utilizado popularmente em casos de tosse e rouquidão
- Associado ao cuidado de bronquites
- Utilizado em inflamações da boca e dores de garganta
- Associado ao cuidado de doenças da pele
- Utilizado popularmente em problemas ovarianos e uterinos
- Associado a ações antirreumáticas, antifúngicas e anti-inflamatórias
- Reconhecido popularmente como protetor da mucosa bucal



# JUAZEIRO

*Ziziphus joazeiro*



Planta identificada  
no território



Planta registrada durante a Jornada de Saúde  
Velho Chico (BA), 2025

**Nomes populares:** juazeiro

**Origem:** Planta nativa do Nordeste brasileiro, muito presente em áreas de Caatinga

## ONDE ENCONTRAMOS

Velho Chico

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

O juazeiro é uma planta tradicionalmente presente em regiões semiáridas do Nordeste, especialmente em áreas de Caatinga. Nos territórios quilombolas, é reconhecido tanto por suas propriedades medicinais quanto por sua importância no cotidiano das comunidades.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se baseiam em saberes tradicionais e em conhecimentos amplamente reconhecidos pela medicina popular.

- Auxílio no alívio de problemas gástricos
- Utilizado na limpeza dos cabelos e dos dentes
- Associado ao clareamento da pele do rosto
- Uso popular como tônico capilar
- Utilizado no cuidado contra caspa
- Associado ao tratamento de doenças da pele

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Em diferentes regiões do Nordeste, as cascas e folhas do juazeiro são utilizadas principalmente na forma de:

- Sumo com água para problemas gástricos
- Preparos para higiene bucal
- Lavagens capilares
- Uso externo em cuidados da pele

Na medicina popular, é reconhecido por seu uso cotidiano em práticas de cuidado e higiene tradicional.



# JURUBEBA- ROXA

*Solanum stipulaceum*



Planta identificada no território  
(não mencionada na jornada)



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Chapada Diamantina (BA), 2025.

**Nomes populares:** caiçara,  
jurubeba-roxa

**Origem:** Planta nativa do  
Brasil, encontrada em áreas  
abertas e bordas de matas,  
especialmente em regiões de  
clima seco.

## ONDE ENCONTRAMOS

Chapada Diamantina

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

A caiçara foi identificada na paisagem da  
Chapada Diamantina durante a Jornada,  
especialmente em áreas de vegetação  
mais seca. É uma espécie típica do bioma  
Caatinga e de formações de Cerrado,  
comuns na região.

Embora faça parte da biodiversidade  
local, não foi mencionada pelas mulheres  
quilombolas nas rodas de conversa, razão  
pela qual não registramos modos de uso  
tradicionais associados a esta planta.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se  
baseiam em saberes tradicionais e em  
conhecimentos amplamente reconhecidos  
por estudos populares e fitoterápicos.

- Auxiliar no tratamento de dores de  
barriga
- Expectoração e alívio de sintomas de  
gripe
- Ação benéfica em quadros de tosse
- Possível ação anti-inflamatória leve

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Fora dos territórios visitados, a caiçara é tradicionalmente utilizada em diferentes regiões do  
Brasil, incluindo culturas caiçaras, ribeirinhas e sertanejas, principalmente na forma de:

- Fervura da raiz para dores de barriga
- Chás para gripe e tosse
- Decoctos usados em infecções leves



# MOSTARDA

*Brassica juncea*



Planta identificada  
no território



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Chapada Diamantina (BA), 2025.

**Nomes populares:** mostarda

**Origem:** Planta cultivada em diferentes regiões do mundo e amplamente presente na alimentação popular brasileira

## ONDE ENCONTRAMOS

Chapada Diamantina

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

A mostarda é uma hortaliça presente em quintais, hortas comunitárias e espaços de cultivo familiar. Além de integrar a alimentação cotidiana, é reconhecida popularmente por suas propriedades nutricionais e pelo fortalecimento da saúde.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se baseiam em conhecimentos amplamente difundidos sobre alimentação saudável e medicina popular.

- Rica em vitaminas A, C, K, E e complexo B
- Fonte de cálcio, manganês, ferro, fósforo e magnésio
- Auxilia no fortalecimento da imunidade
- Contribui para a saúde da visão
- Auxilia no funcionamento do fígado
- Associada ao cuidado e prevenção da osteoporose
- Favorece a saciedade e melhora o trânsito intestinal
- Pode contribuir para a redução do colesterol ruim

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

A mostarda pode ser consumida crua ou cozida e é utilizada em diferentes preparações culinárias, como:

- Farofas
- Pães
- Carnes
- Refogados e saladas

Seu sabor é caracterizado por notas picantes e levemente pungentes.



# QUIOIÔ

*Ocimum gratissimum L.*



Saber quilombola  
registrado



Planta identificada  
no território



Planta registrada durante a Jornada de Saúde  
Chapada Diamantina (BA), 2025.

**Nomes populares:** quioiô,  
alfavaca-cravo, alfavaca,  
manjerição-cheiroso

**Origem:** Planta originária do  
Oriente, amplamente cultivada  
e naturalizada no Brasil.

## ONDE ENCONTRAMOS

Chapada Diamantina

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

O quioiô é uma planta amplamente conhecida nos territórios quilombolas, sendo encontrada em quintais, hortas e espaços de cuidado comunitário. Seu cheiro marcante e suas múltiplas formas de uso fazem com que seja frequentemente associado aos cuidados cotidianos e às práticas tradicionais com ervas.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se baseiam em saberes tradicionais e em conhecimentos amplamente reconhecidos pela medicina popular e fitoterápica.

- Utilizado no cuidado de sintomas de gripe
- Auxílio em inflamações da boca e mau hálito
- Uso popular contra tosses e bronquites
- Associado ao alívio de dores de cabeça
- Utilizado em distúrbios do estômago e diarreias
- Planta aromática utilizada também na culinária

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Em diferentes regiões do Brasil, o quioiô é utilizado principalmente na forma de:

- Xaropes das folhas com mel
- Infusões e chás
- Banhos antigripais
- Decocção das raízes
- Uso externo em casos de frieiras
- Condimento culinário devido ao aroma semelhante ao cravo-da-índia



# RESINA DE JATOBÁ

*Hymenaea sp.*



Imagem registrada no Mercado Municipal Dona  
Firmina em Bom Jesus da Lapa (BA), 2025.

**Nomes populares:** resina de jatobá, jutaicica

**Origem:** Resina extraída de árvores do gênero *Hymenaea*, comuns em diferentes regiões do Brasil

## ONDE ENCONTRAMOS

Velho Chico

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

A jutaicica é uma resina encontrada naturalmente junto ao tronco do jatobá, geralmente escorrendo das aberturas causadas por insetos ou em pequenos blocos endurecidos próximos às árvores. Em diferentes territórios, é conhecida tanto por seus usos medicinais quanto por aplicações artesanais tradicionais.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se baseiam em saberes tradicionais e em conhecimentos amplamente difundidos na medicina popular.

- Utilizada popularmente no alívio de dores no estômago
- Associada ao cuidado de flatulências
- Utilizada em inalações para resfriados
- Associada ao alívio de dores de cabeça
- Reconhecida também por seu uso artesanal como verniz vegetal

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

Em diferentes regiões do Brasil, a jutaicica é utilizada principalmente na forma de:

- Mastigação da resina
- Queima para inalação
- Aplicação artesanal em louças de barro e objetos tradicionais

Na medicina popular, é frequentemente associada aos cuidados respiratórios e digestivos.



# ROMÃ

*Punica granatum L.*



Saber quilombola  
registrado



Planta identificada  
no território



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Velho Chico (BA), 2025.

**Nomes populares:** romã

**Origem:** Planta originária da Ásia, amplamente cultivada em diferentes regiões do Brasil

## ONDE ENCONTRAMOS

Velho Chico

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

A romã foi identificada no território do Velho Chico, estando presente em quintais e áreas de cultivo familiar. É uma planta amplamente conhecida na medicina popular, especialmente pelos usos associados ao cuidado da garganta e da boca. Presente em quintais e áreas de cultivo familiar, a planta integra práticas tradicionais de cuidado transmitidas entre gerações.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades descritas a seguir se baseiam em saberes tradicionais e em conhecimentos amplamente reconhecidos pela medicina popular e fitoterápica.

- Ação antimicrobiana
- Ação anti-inflamatória
- Utilizada popularmente no cuidado de estomatites
- Associada ao tratamento de faringites e laringites
- Utilizada em casos de rouquidão e inflamações da garganta

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

A romã pode ser utilizada em diferentes preparações, como:

- Chás e infusões
- Gargarejos
- Geleias
- Consumo direto da fruta

Na medicina popular, é frequentemente utilizada no cuidado da garganta e da saúde bucal.



# SABUGUEIRO

*Sambucus australis*



Saber quilombola  
registrado



Planta identificada  
no território



Planta registrada durante a Jornada de Saúde,  
Chapada Diamantina (BA), 2025.

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

O sabugueiro é amplamente utilizado na medicina popular, especialmente por suas flores e folhas:

- Chás para gripe, resfriado e tosse
- Redução de febre
- Alívio de sintomas de rinite e alergias
- Apoio ao tratamento de problemas renais leves
- Banhos ou compressas para: feridas, abscessos, hematomas, frieiras, hemorróidas e reumatismo
- Banho de folhas e flores como tratamento popular para sarampo e rubéola.

**Nomes populares:** sabugueiro, acapora, sabugueiro-do-brasil

**Origem:** Nativa da América do Sul; ocorre em diferentes biomas brasileiros.

## ONDE ENCONTRAMOS

Chapada Diamantina

## COMO É UTILIZADO PELAS MULHERES QUILOMBOLAS?

Chás para gripes e resfriados fortes.

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

O sabugueiro pode ser encontrado em margens de rios, áreas úmidas e regiões de transição entre Caatinga e Cerrado, formações presentes em partes da Chapada Diamantina.

## PROPRIEDADES CONHECIDAS

As propriedades abaixo são amplamente reconhecidas em saberes populares e práticas fitoterápicas no Brasil e em outros países da América do Sul:

- Expectorante
- Estimulante da circulação
- Estimulante diaforético (aumenta a produção de suor)
- Antiviral
- Anti-inflamatório (especialmente para pele)



# URUCUM

*Bixa orellana*



Saber quilombola  
registrado



Planta identificada  
no território



Planta registrada durante a Jornada de Saúde  
Chapada Diamantina (BA), 2025.

**Nomes populares:** urucum, colorau

**Origem:** Planta nativa das Américas do Sul e Central, presente em áreas tropicais e semiáridas.

## ONDE ENCONTRAMOS

Chapada Diamantina

## PRESENÇA NO TERRITÓRIO

O urucum está presente na Chapada Diamantina, sendo cultivado ou encontrado em algumas comunidades quilombolas visitadas. A tonalidade vermelha forte e seus usos diversos o tornam uma planta marcante na paisagem quilombola.

## USOS POPULARES AMPLAMENTE DIFUNDIDOS

As propriedades abaixo são amplamente reconhecidas na medicina popular:

- Expectorante
- Tonificante do aparelho gastrointestinal
- Auxilia no tratamento de diarreia e febre
- Usado em crises de asma
- Pode aliviar palpitações
- Popular em casos de coqueluche e gripe

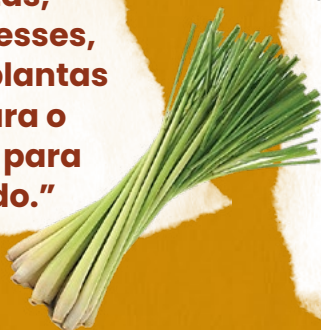


# VOZES DAS MULHERES QUILOMBOLAS

## “Uma vai cuidando da outra”

Entre memórias da família e práticas de cuidado transmitidas entre mulheres, Dona Maria Lúcia, da comunidade quilombola do Barroso, compartilhou como as plantas medicinais seguem presentes em sua vida cotidiana.

**“As minhas plantas, meus remédios são esses, né? Eu sempre uso as plantas medicinais, tanto para o ginecológico quanto para a pressão, para tudo.”**



Ao falar sobre os cuidados cotidianos, destacou o uso frequente de ervas presentes no território.

**“Eu tomo bastante guiné, amora, cidreira, capim-santo. Alguma coisa me faz mal, eu uso bastante limão rosa com água. É um remédio maravilhoso.”**



Ela também compartilhou preparos utilizados para dores, inflamações e outros desconfortos do dia a dia.

**“Dor de cabeça eu vou para a folha de louro, para o orégano com alho. Faço esse chazinho aí e vou ficando boa.”**



As lembranças do parto e do pós-parto aparecem associadas ao cuidado coletivo realizado pelas mulheres mais velhas e pelas parteiras.

**“Minha sogra gostava de fazer a temperada, ela pegava todas as folhas da horta, fazia tipo um chá grande, cozinhava e depois colocava um pouquinho de álcool, de cachaça. A gente ia tomando, depois de uns dias ela dava uma massagem com óleo de amêndoa e as folhas da horta da cintura pra baixo”.**

Ao longo de sua fala, uma ideia aparece como síntese dos modos coletivos de cuidar compartilhados durante a Jornada:

**“Uma vai cuidando da outra.”**



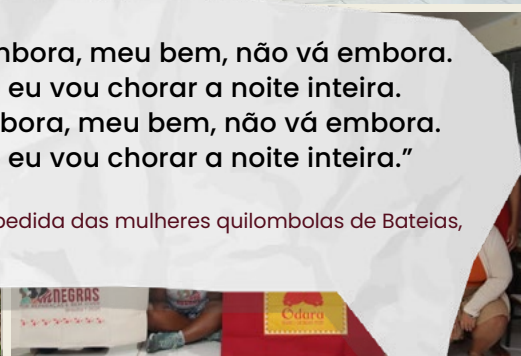
Depoimento concedido por Maria Lúcia dos Santos, 56 anos, na comunidade do Quilombo do Barroso, Bom Jesus da Lapa, durante a Jornada de Saúde Quilombola.





"Não vai embora, meu bem, não vá embora.  
Se você for, eu vou chorar a noite inteira.  
Não vai embora, meu bem, não vá embora.  
Se você for, eu vou chorar a noite inteira."

(Canto de despedida das mulheres quilombolas de Bateias, Boninal, Ba)



## CAPTURAS DE UMA JORNADA



"A noite escura é chuva,  
a branca é ventania  
e a verde é esperança  
de nos encontrar um dia"

(Canto de despedida das mulheres quilombolas de Bateias, Boninal, Ba)



# "PLANTOU RAIZ, NASCEU FLOR": CUIDADO, MEMÓRIA E SABERES NOS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS



Ao longo desta Jornada, aprendemos que cuidar também é lembrar. Lembrar das mulheres que vieram antes, dos chás preparados nos quintais, das folhas colhidas no tempo certo, das rezas baixas, dos banhos, dos lambedores, das parteiras e das mulheres que seguem sustentando o cuidado coletivo nos territórios quilombolas da Bahia.

Este caderno nasce desses encontros, das estradas percorridas, das rodas compartilhadas e das escutas construídas com mulheres quilombolas que seguem produzindo saúde mesmo diante do racismo, da medicalização da vida e das desigualdades que atravessam seus territórios. Ao reunir essas experiências, buscamos fortalecer a memória coletiva, valorizar os saberes ancestrais e reafirmar que o cuidado tradicional quilombola é também uma prática de justiça reprodutiva, autonomia e Bem Viver.

Os saberes compartilhados ao longo da Jornada seguem vivos e em movimento. Circulam nos quintais, nas cozinhas, nas feiras, nas rodas de conversa, nas rezas e nas formas coletivas de sustentar a vida. Resistindo ao apagamento, continuam ensinando outras formas de existir, cuidar e construir saúde.

Também compreendemos que desmedicalizar a vida não significa negar o direito ao acesso à saúde, aos serviços ou aos profissionais. Significa reconhecer que o cuidado não cabe em um único modelo e afirmar que as mulheres quilombolas produzem conhecimentos legítimos sobre seus corpos, seus territórios e suas formas de viver.

Registrar algumas capturas desta Jornada é também afirmar que os saberes das mulheres quilombolas da Bahia seguem atravessando gerações, fortalecendo práticas coletivas de cuidado e ensinando caminhos de saúde, memória e Bem Viver nos territórios.



# DOCUMENTOS E MATERIAIS CONSULTADOS

HOEFFEL, João Luiz de Moraes; GONÇALVES, Nayra de Moraes; FADINI, Almerinda Antonia Barbosa; SEIXAS, Sônia Regina da Cal. **Conhecimento tradicional e uso de plantas medicinais nas APAs Cantareira/SP e Fernão Dias/MG.** *Revista VITAS – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade*, n. 1, set. 2011. Disponível em: <https://www.ufpb.br/nepfh/contents/documentos/artigos/fitoterapia/conhecimento-tradicional-e-uso-de-plantas-medicinais-nas-apas-cantareira-sp-e-fernao-dias-mg.pdf>. Acesso em: 09/11/2025.

ALVES, Miriam Cristiane; SEMINOTTI, Nédio. Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 43, supl. 1, p. 85–91, ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/5kPYtSvZcwC43qFyYGvNXdPG/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2025

BATISTA, Luis Eduardo et al. Indicadores de monitoramento e avaliação da implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. *Saúde & Sociedade*, São Paulo, v. 29, n. 3, e190151, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/p8XGhmjmMjdjT-86zy9mXdPG/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2025.

BATISTA, Luís Eduardo; BARROS, Sônia. Enfrentando o racismo nos serviços de saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 33, supl. 1, e00090516, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/8QtV5qv9LSRPCWytv45yspS/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus\\_2004.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_2004.pdf). Acesso em: 09 nov. 2025.



BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. *Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 59 p. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_fitoterapicos.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf). Acesso em: 09 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. *Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 59 p. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_fitoterapicos.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf). Acesso em: 09 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS*. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 44 p. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_saude\\_populacao\\_negra\\_3d.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf). Acesso em: 09 nov. 2025.

BRITO, M. S. Aquilombar a saúde, contracolonizar as lutas: o projeto político do movimento quilombola para a saúde no Brasil. 2024. 136 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/42401>. Acesso em: 06 dez. 2025.

BRITO, Matheus. A Política Nacional de Saúde Quilombola não é favor, é dívida histórica. Entrevista concedida a Luís Felipe Stevanim. Radis – Comunicação e saúde. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/entrevista/a-politica-nacional-de-saude-quilombola-nao-e-favor-e-divida-historica/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

CARTA de Mulheres Quilombolas de Territórios da Bahia por Reparação e Bem Viver. [Carta]. Bom Jesus da Lapa, 31 de agosto de 2025. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1S06tnWdG-DOim2lh0m9zEtqrDhff2G93l/view>. Acesso em: 06 de dezembro de 2025.



CDSS. Redução das desigualdades no período de uma geração. Igualdade na saúde através da ação sobre os seus determinantes sociais. *Relatório Final da Comissão para os Determinantes Sociais da Saúde*. Portugal, Organização Mundial da Saúde, 2010.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS E QUILOMBOLAS (CONAQ); FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ (FIOCRUZ-Ba). *Relatório Saúde Quilombola no Brasil: evidências para equidade*. Bahia, 2025. Disponível em: [https://cidacs.bahia.fiocruz.br/wp-content/uploads/2025/11/Saude-Populacao-Quilombola\\_21NOV2025\\_V2-1.pdf](https://cidacs.bahia.fiocruz.br/wp-content/uploads/2025/11/Saude-Populacao-Quilombola_21NOV2025_V2-1.pdf). Acesso em: 06 dez. 2025.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS E QUILOMBOLAS (CONAQ). *Vidas Interrompidas: um levantamento sobre as ameaças e assassinatos contra quilombolas defensoras e defensores de Direitos Humanos*. Projeto Resistência Quilombola. CONAQ, 2025. Disponível em: [https://conaq.org.br/wp-content/uploads/2025/10/CONAQ\\_brochura\\_Portugues\\_ebook-1.pdf](https://conaq.org.br/wp-content/uploads/2025/10/CONAQ_brochura_Portugues_ebook-1.pdf). Acesso em: 20 dez. 2025.

COMITÊ Impulsor Nacional Feminista e Antirracista por Justiça Reprodutiva. *Manifesto Justiça Reprodutiva*. Brasil, 2025. Disponível em: <https://marchadasmulheresnegras.com.br/wp-content/uploads/2026/01/Manifesto-por-Justica-Reprodutiva.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2025.

GÓES, Emanuele. Aborto inseguro é das principais causas de morte materna e mulheres negras sofrem mais. Entrevista concedida à Andrea DiP. Pública – Agência de jornalismo investigativo. [s.l.], 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/05/aborto-inseguro-e-das-principais-causas-de-morte-materna-e-mulheres-negras-sofrem-mais/>. Acesso em: 06 de dez. 2025.

HOEFFEL, João Luiz de Moraes; GONÇALVES, Nayra de Moraes; FADINI, Almerinda Antonia Barbosa; SEIXAS, Sônia Regina da Cal. Conhecimento tradicional e uso de plantas medicinais nas APAs Cantareira/SP e Fernão Dias/MG. *Revista VITAS – Visões Transdisciplinares so-*



*bre Ambiente e Sociedade*, n. 1, set. 2011. Disponível em: <https://www.ufpb.br/nepfhf/contents/documentos/artigos/fitoterapia/conhecimento-tradicional-e-uso-de-plantas-medicinais-nas-apas-can-tareira-sp-e-fernao-dias-mg.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2025.

HORTO Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS. *Horto Didático de Plantas Medicinais*. Florianópolis: UFSC, [s.d.] (última atualização 14 out. 2025). Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/>. Acesso em: 17 out. 2025.

INSTITUTO Mulheres pela Atenção Integral à Saúde e aos Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos (IMAIIS). *A Realidade do Aborto Inseguro na Bahia: a ilegalidade da prática e seus efeitos na saúde das mulheres em Salvador e Feira de Santana*. [s.l.], [20??]. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/919/1/Dossi%C3%AA%20-%20Bahia.pdf>. Acesso em? 10 dez. 2025.

PREGNOLATTO, Daraíma; SANTOS, Silvéria. *Esse dom que Deus me deu: a arte e o ofício das parteiras tradicionais do DF e GO*. 1. ed. Pirrenópolis: Criação Guaimbê, 2016.

ROCHA, Leila Rodrigues; DEL PUENTE, Claudio; PAIVA, Natalia. *Ilerano Robru: cultura, saúde e ancestralidade* [e-book]. 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1zpGWCz8AULg4wqZRYXjcoM-1J2CZZCoxb/view>. Acesso em: 17 out. 2025.

SEGUIN, Alicia. The Vital Role of Midwives in Reducing Maternal Mortality. *Journal of Women's Health Care*, v. 12, n. 8, p. 675, 2023. DOI: 10.35248/2167-0420.23.12.675. Disponível em: <https://www.longdom.org/open-access/the-vital-role-of-midwives-in-reducing-maternal-mortality-102720.html>. Acesso em: 09 nov. 2025.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. *Saúde Soc. São Paulo*, v.25, n.3, p.535-549, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW-7vm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 dez. 2025.



# FICHA TÉCNICA

## Organização

Odara – Instituto  
da Mulher Negra

## Revisão técnica

Alane Reis  
Naiara Leite

## Coordenação Executiva

Naiara Leite

## Design Instrucional e revisão

Luana Souza

## Sistematização e produção textual

Leila Rocha  
Luana Souza

## Design Gráfico

Lissandra Pedreira  
Polianna Silva

---

**Caderno de sistematização das Jornadas de Saúde publicado pelo Odara – Instituto da Mulher Negra, Salvador-Ba, 2026.**

Todos os direitos reservados.

*Esta publicação é fruto de um trabalho coletivo, pensado para compartilhar conhecimento, valorizar saberes e inspirar o cuidado com a saúde sexual e reprodutiva de meninas e mulheres negras.*

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Plantas que aquimbolam [livro eletrônico] :  
caderno de sistematização sobre experiências e  
saberes ancestrais das mulheres quilombolas da  
Bahia. -- Salvador, BA : Ed. dos  
Autores, 2026.  
PDF

Vários autores.  
ISBN 978-65-02-14875-4

1. Africanidade 2. Ancestralidade 3. Bahia (BA)  
- Aspectos culturais 4. Mulheres negras - Aspectos  
culturais 5. Plantas medicinais - Brasil, Nordeste  
6. Quilombolas - Brasil.

26-366345.0

CDD-581.634

### Índices para catálogo sistemático:

1. Plantas medicinais : Botânica 581.634

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638



**DIMES**

